

Otille Codreau e os Mocambeiros do Baixo Amazonas

Eurípedes Antônio Funes - Universidade Federal do Ceará - Brasil
euripedes@mcnet.com.br

Falar em comunidades negras, remanescentes de quilombos, na Amazônia Brasileira, em especial no oeste do Estado do Pará, é remeter a uma história marcada por conflitos, resistências de cativos que romperam com a sua condição social ao fugirem dos cacoads, das fazendas de criar, das propriedades dos senhores de Óbidos, Santarém, Alenquer e mesmo de Belém e outros centros urbanos . É navegar pelas reminiscências vivas que marcam as experiências sociais e vivências dos afro-amazônidas, descendentes desses negros que constituíram nos altos dos rios Trombetas, Cuminá/Erepecurú e Curuá, os seus espaços, onde ser livre era possível.

As marcas desse processo histórico são visíveis na documentação gerada pelo governo do Pará: correspondências, relatórios e autos cíveis. São perceptíveis, também, em jornais da época e nas narrativas produzidas por viajantes, em sua maioria cientistas, que visitaram aqueles rios ao longo da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. Mas sobretudo está visível, e permanente, na memória daqueles que são os continuadores dessa luta.

Uma memória que é dinâmica, assim como a história já que, como afirma Alistair Thonson, “Experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão. A memória *gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas*, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhem para recordar e relatar (e, portanto, relembra), e como damos sentidos a elas são coisas que mudam com o passar do tempo.(...) Esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade. Nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossas próprias vivências. Construímos nossa identidade através do

processo de contar história, para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social.” (1)

A memória sujeita a influências e novos valores, parte do processo evolutivo do grupo que a preserva enquanto elemento que dá sustentação à identidade e ao sentido de origem, mantém o seu cerne como elemento de conexão entre o presente e o passado. A repetição de fatos, nomes, lugares e atitudes, são marcadores significativos, e ao mesmo tempo reveladores, que permitem traçar a trajetória histórica do grupo. Como exemplo: vieram da África, fugiram, mocambeiros, remanescentes. É quando a memória transmuta-se em fonte os domínios da história.

As narrativas vão delineando vários lugares de refúgio, nascimento e encontro. São lugares que constituem um cenário de memórias. Um cenário que se configura num território de negros.

Uma percepção viva do passado, que não é apenas conhecido, mas vivido e sentido pessoalmente, lembrado de forma coletiva. Destas lembranças fazem parte, também, os viajantes que surgem nos relatos dos depoentes, em especial Otilie Codreau. Esta francesa, juntamente com o seu marido Henri Codreau, a serviço do governo do Pará, percorrem os rios da região, entre eles o Trombetas (1898), Cuminá/Erepecurú (1899) e o Curuá, (1900/1901), onde se localizam as comunidades quilombolas, objeto de minha tese de doutoramento.(2) Henri morreu durante a expedição ao rio Trombetas. Otilie continuou os trabalhos para os quais foram contratados.

O Sr. Santa Rita, morador do Pacoval, rio Curuá, falava da **“madame de Condô”**, que se tornou sua conhecida através das narrativas de seus pais e do avô, de nome Alexandre. No rio Trombetas ouve-se muito sobre a morte de Henri Codreau. O lugar onde foi enterrado, **“debaixo de uma castanheira”**, onde depois sua mulher teria voltado para **“levar os ossos que ela limpou e colocou dentro de uma caixa.”**

O olhar destes viajantes, como os de tantos outros desta época, é marcado pelo estranhamento, o não reconhecimento do *outro*, como assevera T. Todorov. “Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e

1 THONSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In **Projeto. História**. São Paulo: PUC/SP, N.º 15, abr.1997. p. 57

2 Funes, Eurípedes A. *Nasci nas Matas Nunca Tive Senhor: história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas*. São Paulo: USP, tese de doutoramento, 1995.

radicalmente, diferente de todo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu estou só *aqui*, pode realmente separa-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância de configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a mim. Ou então como um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie.”³

Todavia, os relatos produzidos por estes viajantes abre uma possibilidade significativa de , com outros olhares, fazer uma leitura a contra pelo. Adentrar o universo das comunidades visitadas, observar os costumes, as práticas culturais, os lugares e as reações de se estar diante de um forasteiro. Onde os viajantes estranharam, buscamos evidências significativas para entender os elementos de identidades destas sociedades mocambeiras.

Assim, com base na documentação consultada, nos relatos de viajantes e nos depoimentos dos remanescentes, foi possível pontilhar o trajeto dos quilombolas durante a fuga, que chegaram no Trombetas, na cachoeira *Campiche* e igarapé *Poana*; no Paru do Oeste, no travessão *Espírito Santo* e *Poana*; no Curuá, nas cachoeiras, *Tira Faca* e *Filha da Iginna*. A partir desses pontos começou o *regresso*, que aliás é também nome de uma cachoeira desse rio.

Atravessando a *Porteira* e, com *Paciência* e muita briga, o *Inferno*, chegava-se ao lugar onde ser livre era possível. *Maravilha*, este era o nome do local em que os mocambeiros se estabeleceram no Trombetas, uma ilha acima da cachoeira Mina. Um lugar cuja posição "não podia ser mais bem escolhida e o ponto mais estratégico", diz João Maximiano de Souza.⁴ Maravilhas que Henry Codreau não conseguiu ver, "o mocambo era

³ TODOROV, Tzvetan. A Conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Martins Fosntes, 1983 p. 3

⁴ - João Maximiano de Souza. *O rio Trombetas* . Jornal o **Baixo Amazonas**, Santarém, 25/12/1875. Maximiano comandou uma expedição punitiva contra o quilombo Maravilha em 1855.

situado na margem esquerda perto de um igarapé [...] no pé de uma cachoeira de mais ou menos dois metros de nivelamento, atrás de uma pequena ilha, num baixio, nas base de uma região montanhosa. Se isso se considera do ponto de vista da insalubridade o local é bem escolhido"⁵.

O estilo de casa construída pelos mocambeiros era de "pequenas palhoças feitas de quatro esteios, cobertas de palha, abertas, com um girao, uma espécie de tecto feito de achas do stipo das palmeiras, sobre o qual dormem em redes, presas aos caibros da coberta. Prevenidos dormem assim ocultos"⁶.

A família quilombola pode ser percebida nos relatos dos viajantes, mesmo quando seu olhar expressa estranhamento sobre o comportamento dos mocambeiros. "Eles vivem numa promiscuidade repugnante que a gente fica abismado diante de tanto despudor. A casa tem duas peças uma para conversar, porque tem alguém mais conversador que o negro mocambeiro? E a outra peça é para dormir. Nos quartos, que é comum aos dois sexos, a criança nasce e vê outro nascer. Ali ele vê procriar e vê morrer. Ele não incomoda seus parentes e esses também não lhes impõem nenhum obstáculo, nenhuma regra, cada um no seu canto, faz o que bem quer. A descendência é em linha feminina. O menino fala de sua mãe, mas jamais de seu pai. Muitos deles nem conhece o pai e ele o não vê, não conversam a não ser com seu padrasto. Esse é o homem que coabita com sua mãe e não é o mesmo por muito tempo. Eis ai um panorama do que vi nos mocambos"⁷.

Coudreau ficaria horrorizada ao ver que o mesmo nos dias de hoje é prática habitual e normal, não sendo raro encontrar, pelo menos no Pacoval, convivendo numa mesma casa, separada por uma fina parede de palha, duas e até mais famílias.

O tipo de habitação descrita por Barbosa Rodrigues, em 1875, e por Codreau, em 1899, era semelhante à do velho Ricardo e sua "consorte", moradores da cachoeira Porteira, retratada pelo fotógrafo da 1ª Comissão Demarcadora de Limites de Fronteiras. Uma construção feita de madeira, tipo paliçada amarrada com cipó, que deve ser o *timbó titica*, o mais usado e tido por resistente na região, e coberta de palha. Vê-se uma área que corresponde à cozinha, o espaço mais público da casa. É onde se recebem as visitas, toma-

⁵ - O. Codreau. **Voyage au Trombetas**. Paris: A . Lahure Imprimeur – Editeur, 1900. p. 67.

⁶ - João Barbosa Rodrigues. *Rio Trombetas*. In **Eploração e Estudo do Vale do Amazonas**. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1875. p. 27

⁷ - O. Codreau. **Voyage au Cuminá**. . Paris: A . Lahure Imprimeur – Editeur, 1901. p. 176.

se o café e, como não pode deixar de ser, conversa-se.

Outros aspectos registrados por nossa viajante foram as festas, onde se dançava ao som da caixa, das violas, da marimba, do gamba. Tomava-se muita cachaça, ou "*tafia*". Codreau, que teve a oportunidade

,de presenciar as festas realizadas nas comunidades negras do Trombetas, no *Barracão de Pedra* (rio Erepecurú) e no *Pacoval* (rio Curuá). Todas vistas com grande reserva, estranhamento e por que não dizer com certa dose de maledicência.⁸ As festas, os "pagodes", duravam cerca de oito dias. Durante esse tempo, "vinte pessoas bebem mais ou menos 240 litros de *tafia*, homens mulheres e crianças"⁹.

Maiores detalhes dessas festas podem ser vistos nos relatos de Otille Codreau, ao descrever o que presenciou no *Barracão de Pedras*, uma espécie de gruta que fica na margem esquerda do rio Erepecuru, abaixo da primeira corredeira, com mais ou menos quinze metros de altura e que, quando as águas baixam, forma, um salão de aproximadamente vinte e cinco metros de largura. Hoje aí existe uma comunidade de remanescentes chamada Espírito Santo. Ali os mocambeiros da região se reuniam, quando de suas viagens a Óbidos, e para fazerem as suas festas. "Nesta gruta eles vêm fazer o pagode, quero dizer dançar e embebedar, enquanto ali tiverem o que beber e o que comer. O pagode dura nove dias, algumas vezes mais, misturando o sagrado e o profano, eles cantam diante do santo do dia em honra do qual a festa é feita. O santo fica no seu nicho testemunhando a orgia. Após estes pagodes, as moças e as mulheres jovens ficam incomodadas durante nove meses"¹⁰ Na certa, essa francesa teve o prazer de assistir o *Aiuê*, que em kimbundu significa festa.

Apesar de não haver gostado muito do que viu nas festas, Codreau fornece interessantes pistas para se entender melhor alguns aspectos da vida cultural dos mocambeiros da Guiana Brasileira, como a religião e sua organização social. "Cantam diante do santo em honra da qual a festa é feita", afirma Codreau.

Esses registros apontam para a prática de um catolicismo popular, marcado profundamente pelo sincretismo, visível, ainda hoje, entre as comunidades negras da região. "*Faziam festas de caixa, de mastro, de santos [...] lumiavam com fogo de*

⁸ - *Tafia* em língua crioula significa cachaça

⁹ - O. Codreau. *Voyage au Trombetas*. P. 131

fogueira pelos dias dos santos", diz Donga, morador da Tapagem, no rio Trombetas.

A presença da fé católica fica reforçada no relato do frei Carmello Mazzarino, que encontrou entre os quilombolas do Trombetas, em 1867, divididos por muitos lugares, "uma linda capelinha onde praticão atos religiosos"¹¹.

Observação semelhante foi feita por Derby, aproximadamente dez anos depois, em sua viagem pelo Trombetas. Em *Conceição*, abaixo da cachoeira Porteira, os mocambeiros "tinham uma capelinha e mostram com muito orgulho santos feitos do âmago dos troncos de palmeiras. Celebram os dias santificados com toda pompa possível, e um padre, [provavelmente Mazzarino] que penetrou no quilombo ha alguns annos passados, foi recebido com enthusiasmo."¹²

Imagens como estas foram vistas, no Pacoval, por Otille Codreau, na certa mostradas com orgulho e que, no entanto, causaram-lhe horror, pois enxergava nelas um verdadeiro sacrilégio, considerando-as grotescas e disformes, pouco artísticas. Diz ela: "Entre as poucas casas que ali existiam, uma era a igreja, que "a gente poderia, na verdade comparar, de preferência a um celeiro, se eles não tivessem o cuidado de colocar uma minúscula cruz de madeira, é recoberta com telhas, os muros são de terra argilosa e o solo de terra batida. No interior não tem cadeiras nem bancos, mas em compensação em torno da igreja - é preciso ver esse espetáculo para ter uma idéia - se encontra reunida toda uma série de santos multicolores. Uns são brancos, outros amarelos, muitos são negros. Parecendo todos figuras abomináveis. Eu diria uma reunião de Quasimodos, além disso, eles estão vestidos de incríveis aparências: restos de saias velhas, pedaços de algodão de cores vivas. Enfim, eles tem entorno do pescoço pérolas de vidro ou grãos da floresta. Essas caricaturas, verdadeiros sacrilégios, têm cada uma um nome: esta aqui é São João, aquela ali São Pedro, esta outra São Benedito e eu vi nesta companhia Santa Luzia, Santa Rosa, Santa Sebastiana (sic), e mesmo uma santa Maria negra. Eu tive vontade de os fazer destruir todas esses horror pouco artístico e que eles decoram de um nome pomposo de santos. Essas estatuas são só o reflexo de suas culturas, rebaixadas ao mais baixo grau da

¹⁰ - O. Codreau. *Voyage au Cuminá*. p 21 a 27

¹¹ - APEP. Ofício do Frei Carmello Mazzarino ao Presidente da Província, 15-01-1868.

¹² - Oliver A. Derby. O rio Trombetas. In: Trabalhos restantes inéditos da Comissão Geológica do Brasil - 1875-1878 - relativos à geologia phisica do baixo Amazonas. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, tomo II, fasc. 1-4. 1897 - 1898 p. 370

escala social"¹³.

O que era considerado orgulho para os mocambeiros: fazer e ter as suas imagens, nas quais procuravam reproduzir a figura de seus santos de devoção, era sacrilégio para esta viajante. Sem dúvida não era nenhuma arte barroca como as imagens que a madame Codreau estava acostumada a ver nas igrejas européias, mas era sua arte, onde alguns elementos diferenciavam aquelas imagens de outras tradicionalmente encontradas nas Igrejas, fazendo delas uma arte dos mocambos.

Essas imagens representavam, e representam, a devoção e o reconhecimento dos poderes atribuídos aos santos, sempre invocados quando a ajuda se fazia, e se faz, necessária, em especial na luta contra as expedições punitivas. Segundo D. Dica, moradora do Pacoval, antes dos mocambeiros *"virem fazê viagem pra Monte Alegre, Santarém, eles butavam os troços todo dentro da capela, pra tratá da devoção deles, de lá aí eles embarcavam, iam embora. Quando aí eles chegavam de vorta o mesmo eles faziam, butavam todo os troços tudo lá dentro da capela pra tratá da devoção deles, de lá eles já iam pra suas casas"*.

Santo Antônio alertava os mocambeiros quando as expedições estavam vindo. Quando o santo virava de costa, *"o perigo tava pra chegá"*. Um aviso claro de que os mocambeiros tinham que se proteger. É interessante que essa menção só se faz no tocante ao ataque das tropas repressivas e não aos praticados pelos índios.

Isso leva a crer numa prática que se apropriou de um poder atribuído a Santo Antônio, na credence popular, para achar coisas perdidas. O senhor, que não sabia para onde fugira o seu escravo, invocava a ajuda do santo para encontrá-lo. O mocambeiro, por sua vez, fez dele seu santo protetor, invocando sempre sua ajuda contra as expedições punitivas, anulando, ou pelo menos neutralizando, o poder de ajuda ao senhor, esperando reverter, esse poder a seu favor, livrando-os de infortúnios e possibilitando-lhes encontrar a liberdade que um dia haviam perdido.

O Sr. Donga, por sua vez, fez menção à devoção de seu avô Basílio, um quilombola do Trombetas, que conseguira escapar à perseguição invocando São João: *"os homens disseram: se entrega negro. Morrer sim se entregá não. Valei meu São João. Mergulhou nas águas e saiu do outro lado e foi lá avisar seus companheiros [...], ele era*

¹³ - Codreau, **Voyage au Curuá**. . Paris: A . Lahure Imprimeur – Editeur, 1903 p. 19. "Quasimodo"

muito devoto de São João."

São João, Santo Antônio, São Sebastião e São Benedito estavam entre os santos pelos quais tinham maior devoção. A eles se juntam Santa Luzia e Nossa Senhora. É interessante observar que são santos reverenciados como guerreiros e negro. O culto a Santo Antônio era uma prática comum entre os escravos. No vale do Paraíba, as pequenas estatuetas, de chifre ou de madeira, desse santo eram muito apreciadas. "Algumas dessas estatuetas lembram e muito, na fisionomia, postura do corpo e desenho dos braços, as figuras *minkisi* da cultura kongo, usadas no baixo Zaire como fetiches para garantir a boa sorte, evitar a desventura."¹⁴

Assim como Santo Antônio, São João era cultuado pelos Bakongos e outros povos da cultura banto. Portanto, a devoção a esses santos, mais do que uma influência direta dos missionários franciscanos da Ordem de Santo Antônio de Portugal (hegemônica no século XIX no Baixo Amazonas), representava uma "capacidade de pessoas da África Central de reinterpretar símbolos e objetos rituais estrangeiros, nos termos básicos de sua cultura de origem."¹⁵ Uma simbologia tornada mais significativa ao se perceber que, dentro do sincretismo religioso, Santo Antônio corresponde a Ogum, divindade que representa a força e a coragem.

Segundo D. Dica, os seus avós diziam que ***"lá no mocambo tinha uma velha cega, ela era africana, que sabia tudo, que na África eles sabiam muitas oração boas, ela fazia lá as preces dela que dava tudo certo [...] o Pelegrino também, tudo eles"***.

Ao poder das rezas africanas e à invocação dos santos juntava-se a pajelança e esses poderes possibilitavam-lhes a realização de pussangas; ser consertadores de ossos e curadores de males e de encostos e fazer o contraveneno. No quarto do curador ***"tem uma mesa onde fica o copo de cachaça e o cigarro de tauari, que ele fuma pra invoca os espíritos do fundo"***. Mas quais são esses espíritos? ***"Dona Maria do mar, o Boto, São João de Ariconga, Manoel da Velha Cruz"*** são alguns que vão sendo lembrados, já hoje ***"não tem mais essas coisas, os velhos num ensinaram"***. ***"Mas tinha o Sacaca, que era um cara que cura de nascimento."*** Esse aspecto vem reforçar a prática da pajelança e do xamanismo nessas comunidades negras, uma presença visível da cultura indígena. Sinal de

personagem monstruosa da obra *Notre Dame*, de Victor Hugo.

¹⁴ - Slenes "Malungu ngoma vem!": África coberta e descoberta no Brasil. In: **Revista da USP**, nº 12, p. 65

que nessa convivência a influência da religiosidade nativa também ocorreu, manifestação igualmente perceptível na crença das visagens e encantados, e em especial nos sacacas.

O que se percebe é que, tendo por base um forte sincretismo religioso, comportando vários elementos africanos, nativos e cristãos, uma cultura própria vai sendo forjada ao longo do processo histórico desses mocambeiros, constituindo-se na identidade dessas comunidades afro-amazônicas.

Os poderes de cura, da pajelança não eram uma atribuição exclusiva dos homens, havendo uma participação significativa das mulheres. Foi a mãe de Luiz de Assis que lhe ensinou o ofício da cura contraveneno, e este passou a seus filhos, homens e mulheres, que mantêm até hoje essa prática, cujo segredo é detido apenas pelos Assis.

No Erepecuru, madame Codreau encontrou "duas pajés", Maria do Lothario (que pode ser Lauthério) e Figena, ambas sabiam "de um grande número de malefícios, de feitiços podendo mesmo matar uma pessoa com o olhar." É interessante perceber com mais detalhes a fala dessa francesa, que vê uma disputa entre essas "duas grandes personagens", e que Maria estava levando vantagem sobre sua concorrente porque ela, Codreau, tinha ido agradecer-lhe por ter cuidado e curado um dos homens de sua equipe. Quanto à Figena dizia querê-la muito, "mas também me deseja muito mau, mas seu poder é limitado aos negros"¹⁶.

A postura de Codreau é, no mínimo, curiosa e contraditória, ao passar a imagem de uma disputa acirrada entre essas duas pajés, e que o seu ato de agradecimento a Maria foi o bastante para que esta levasse vantagem sobre a sua concorrente; e ao mesmo tempo ilustra seu relatório com a foto de Figena, quem "a queria mau". Por outro lado, se o poder de Figena era limitado aos negros, é de se perguntar: Por que não o de Maria? Que outro tipo étnico predominava naquela comunidade? Por que foi agradecer a cura? Com certeza qualquer francês que passasse por ali teria o receio de ser morto apenas pelo olhar de uma dessas pajés.

Essa leitura era feita não apenas em relação aos quilombolas do lado brasileiro, mas também aos das Guianas, com os quais eles tiveram contato. "Seja entre os Bonis ou os Boches de Guiana Francesa e Holandesa, ou entre os mocambeiros de Chouna ou de

¹⁵ - Ibid

¹⁶ - O. Codreau. *Voyage au Cuminá*. p. 175.

Ouraraip na Guiana Inglesa, ou naqueles do Curuá [...] se via em toda parte escravos fugitivos apresentando as mesmas características: baixaza, mentira, traição com relação ao branco. Ele se apresentava insolente e tirânico em relação ao índio, enfim, entre eles a regressão rápida em direção aos costumes mais primitivos dos negros tais como aqueles das ilhas de Fidji, Daomé e de Uganda onde, também, se encontrava essa curiosa espécie."¹⁷

Observe agora a leitura que Derby fez dos quilombolas que encontrou no lago da Tapagem, Trombetas, os quais lhe auxiliaram como guias, entre eles Rufino. Sem esses, "poucos ousariam atravessar a cachoeira", aqueles mocambeiros não pareciam "dispostos a cometer violências, muito pelo contrario, ansioso por conservar a boa reputação a esse respeito. Durante a nossa estada entre elles mostravam-se ansioso por que nos não acontecesse qualquer accidente, do qual lhes pudesse provir censura. Uma queda accidental do Dr. Freitas [...] foi-lhes motivo de grande pesar, com receio de que eu pudesse considerar responsáveis por ella. Menciono, de propósito, este facto, porque comumente representam-se os quilombolas como uma classe perigosa, de ladrões, violentos e preguiçosos, e nós achamos o contrário quieto, de bom coração e industriosos como o resto da gente do Amazonas"¹⁸.

É impossível que o grau de degenerescência dos mocambeiros fosse tanto que após pouco mais de vinte anos da passagem de Derby, os Codreau os encontrassem em completa regressão social. O olhar dos franceses foi mais míope e cheio de estranheza, não conseguindo ver que estavam diante de uma sociedade com cultura própria, com um modo de vida completamente diferente do europeu "civilizado" e até mesmo, por razões históricas, da sociedade urbana amazônica.

Aliás, madame Codreau tinha consciência dessa sua leitura. Após exprimir suas opiniões sobre o padrão comportamental dos mocambeiros do Cuminá, disse: "tenho que reconhecer que o meu julgamento é feito segundo as minhas idéias de civilizada, de idéias feitas, consequência forçada das nossas convenções sociais. Talvez eu seja injusta com relação a eles pois apesar de tudo, não se pode exigir as mesmas qualidades a cada um dos diversos tipos de raças". É como se dissesse, eu sei que estou errada, mas é assim mesmo,

¹⁷ - O. Codreau. **Voyage au Trombetas**. p. 130.

¹⁸ - O. A. Derby. **O Trombetas**. p. 369-370

eles são de outra raça, e, como tal, inferiores e degenerados.¹⁹

O relato de Codreau sobre essas comunidades negras prende-se a um forte preconceito, característico da ortodoxia antropológica da segunda metade do século XIX, tendo por pressupostos a poligenia e a crença na superioridade da raça branca. O efeito, segundo Keith Thomas, "era empurrar o negro até muito próximo do nível que a nova crença na capacidade animal criara para os bichos"²⁰.

- PACOVAL DOS MOCAMBEIROS

Pacoval dos mocambeiros, que um dia foram escravos de Maria Macambira e de outros senhores do Baixo Amazonas; que, ao romperem com a escravidão, embrenharam-se nas matas do Curuá, no alto dos rios, e constituíram seus espaços de liberdade onde tantos outros nasceram. *"Nasci nas matas do Curuá"; "nos montes do Curuá"; "minha avó era aí de cima, aí de dentro do Curuá, do Cuminá"*.

São depoimentos que expressam o sentido de pertença, de terra natal. Terra para onde voltaram na primeira oportunidade, aqueles levados para Belém, "para serem libertos", juntando-se aos que ali permaneceram, recuperando o modo de ser e viver dos mocambos. Um estilo simples de vida beirando a rusticidade, marcado pelo igualitarismo, com práticas culturais e comportamentais estranhas aos olhares exteriores. Olhares estranhos que viam nessas comunidades, e nas similares, o exemplo da degenerescência humana. Otille Codreau que chegou ao Pacoval em meados de dezembro de 1900, mais precisamente por ocasião das festas natalinas. É o tempo do **Marambiré**.

Vila do Pacoval, "assim que eles designam a reunião de suas palhoças, não tem nada de vila, são cabanas jogadas aqui e ali na beira do rio, eles não conhecem o alinhamento, ignoram a delimitação, constroem sem planos e não se incomodam de ir plantar batatas ou semear girimum diante da porta do vizinho"²¹.

¹⁹ - O. Codreau. **Voyage au Cuminá** p. 178

²⁰ - Keith Thomas. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 163.

²¹ - Otille Codreau. **Voyage au Curuá** p 18.

Tal leitura do Pacoval, que contava à época com "mais ou menos 15 casas cobertas de palha, uma igreja e ao lado dessa uma ramada", por um lado, expressa o desconforto dessa viajante por não encontrar ali uma vila condizente com a modernidade da "*bele époque*", e por outro, mostra que o traçado e o estilo arquitetônico daquela vila assemelhavam-se aos dos mocambos, com suas casas "construídas de taipa, coberta de palha e porta de japá", e "uma linda capelinha".

O. Codreau, ao achar fora de propósito os vizinhos plantarem nas portas das casas, uns dos outros, revelava que a prática de se fazer horta, como nos quilombos, não havia desaparecido, não entendendo, no entanto, o sentido do uso coletivo da terra. Até hoje no Pacoval não existem cercas separando os quintais, embora as pessoas saibam qual planta lhes pertence e qual é de todos.

Estranha também a essa viajante foi a forma muito próxima com que as casas eram construídas, "uma ruela de apenas 3 metros separa as duas casas". Outro dado que permite uma percepção da organização e da ocupação do espaço, pelos mocambeiros e seus descendentes. No Pacoval, até bem pouco tempo era comum os filhos, quando constituíam suas famílias, erguerem suas casas próximas à dos pais, dando um caráter extensivo à organização familiar.

Otille Codreau, ou "*madame de Condô*", como dizia o Sr. Santa Rita, descrevendo as práticas culturais e comportamentais dessa gente, via na mesma a degradação moral e social. Por sua vez, acabou revelando manifestações que permitem a recuperação de elementos significativos de identidade cultural e de experiências históricas dessas comunidades.

"No Pacoval os mocambeiros primitivos, aqueles que haviam abandonado seus senhores desapareceram; são seus filhos e netos, e bem pior, não somente estes descendentes de mocambeiros herdaram dos pais todos os defeitos mas juntara a eles uma coleção de vícios que é assombroso e inacreditável. Eles retornaram ao estado selvagem, à barbárie"²².

Será que realmente esses "quilombolas primitivos" não mais existiam ali? Tomando por base a relação daqueles que estiveram presos em Belém (1876), em especial os que foram dados em depósito a Frederico Rhossard, sobre os quais pesava um processo

²² - Idem, p. 17.

de reconhecimento de posse impetrado pelos herdeiros de Maria Macambira, encontram-se muitos daqueles que regressaram ao Pacoval. Entre eles não haveria nenhum "primitivo"? Teriam morrido todos? E aqueles que haviam nascido nos quilombos, não devem ser considerados como tal? O olhar da madame, por certo, não alcançou os velhos.

Outro aspecto intrigante nas leituras feitas pelos Codreau, tanto sobre os mocambeiros do Pacoval, "bem menos sociáveis que os do Trombetas e do Cuminá", como sobre esses ou os da Guiana Francesa e Suriname, é a forma incisiva, carregada de uma ideologia racista e, por que não dizer, escravista, mesmo uma década após a abolição da escravidão negra.

Para esses viajantes, os mocambeiros trazem no físico uma "marca de degenerescência. Eles não são tão fortes e robustos quanto os antigos escravos. Isto se compreende, um escravo era um bem precioso para o seu senhor, era um valor mercante, ele não tinha interesse em fatigá-los e o tratava bem. Agora não tendo mais senhor, ele prefere viver mal à trabalhar, seu ideal é o *farniente*, acrescente a isto seu gosto exagerado pelo *tafia*, você terá as principais causas de sua degeneração: a preguiça e bebedeira". E ainda, "os mocambeiros não respeitam e não têm o reconhecimento de nada; eles não querem trabalhar e não sabem obedecer [...]. São seres viciosos e maléficos, eles são nulos no ponto de vista do valor social" Baixeza, mentira e traição em relação ao branco são algumas das atitudes sempre atribuídas a esses quilombolas.²³

Será que essa antipatia, e desconforto, frente aos quilombolas era reflexo apenas de uma ideologia? Ou refletia também o seu descontentamento diante da não subordinação daqueles, que, ao contrário, tinham atitudes que demonstravam não estarem intimidados diante desses viajantes, que recrutavam junto à comunidades mocambeiras, os "seus homens", como remeiros, carregadores, guias, sem os quais não conseguiam atravessar as cachoeiras e sequer orientar-se naquele emaranhado de rios, igarapés e paranás.

É interessante observar a visita feita por Alexandre, o "governador" do Pacoval, à ilustre visitante e a leitura que essa faz dele. É um encontro que revela diferenças e enfrentamentos.

"Na tarde de minha chegada, Alexandre vem me fazer uma visita. É um negro muito grande e muito gordo, se parecendo mais um gorila e um chimpanzé, que um homem

²³ - Idem, p. 18.

civilizado, seus maxilares muito desenvolvidos e proeminentes lhes dão um ar feroz e bestial, seus olhos fugentes, seus cabelos carapinhado fixado muito baixo sobre a fonte, suas mãos e seus pés enormes, lhe faz um prognato pouco simpático.

Ele chegou, cumprimentou, se assentou e sem me dar tempo de responder a suas solicitações, ele diz:

- Madame eu que sou o governador do Pacoval. Eu sou o agente do governo. O governo foi bem feliz de me encontrar, sem isso no Pacoval não seria mais nada, todos estes negros vão-se embora, se eu não estivesse aqui.

Ainda não é muito limpo aqui, mas eu vou fazer as ruas, até hoje eu não tive tempo. O governo precisou de mim para fazer uma estrada daqui até Alenquer, e eu estou quase terminando. Ah! todos estes doutores - engenheiros, eles não sabem nada, eles não puderam fazer uma estrada, foi preciso que o governo venha me buscar.

Quanto a mim, a gente pode me colocar em qualquer floresta que seja, eu conheço imediatamente o caminho que se tem que pegar. Minha cabeça vale mais que aquelas de todos os engenheiros do Pará, eles têm necessidade de uma bússola para se guiar, eu, minha cabeça é suficiente. Olha só, madame, você vem para fazer o plano do rio, é inútil, só eu conheço o rio, e posso dizer aonde ele vai: com a vossa bússola você não fará nada. Realmente eu não sei porque o governo não falou disso, eu o teria feito o plano do rio. Você madame, não o fará, caso seja preciso que você vá embora o vosso caminho é para baixo.

Você não acredita em mim, pois bem, eu vou vos dizer: daqui às cachoeiras, não tem água, o rio só esta cheio de bancos de areia e você não passará, mesmo se todas as pessoas do Pacoval ajudarem; não, você não passará. É preciso até o mês de março aí terá água e se nós lhe mostrarmos o caminho você irá até as cachoeiras.

Mas chegando às cachoeiras, você não as passará, a gente só pode passar lá com pequenas canoas e você tem um verdadeiro barco feito para navegar no Amazonas. Vê-se bem que você não sabe o que é uma cachoeira.

Você já viu uma cachoeira? Chico Cardoso nos disse que você escreve livros sobre as cachoeiras, mas que você nunca vai, são pessoas que, como eu, sabem, vos contam e você escreve. Eu, tudo bem, eu posso lhe ajudar a fazer livros mais durante esse tempo eu não trabalharei, então vai ser preciso me pagar adiantado. Chico disse-nos que

eu não deveria lhe ajudar, porque você não paga e que você veio somente para ver o que se passa, e dizer mau de nós.

A gente diz que é o governo do Pará que lhe enviou. É verdade? Eu não acredito, se fosse, o governo me teria avisado: como eu não recebi nada, eu acho isso bem admirante.

Ele continuou esse tema durante mais de 1 hora, apesar de que eu me fechar dentro um mutismo completo. Me enraivecer? por que? Isso não vale a pena. Dizendo em bom francês para o meu afilhado João, diga a esse negro que eu não compreendo português"²⁴.

Se não compreendia o português, como registrou esse diálogo? Há mais de dois anos essa viajante estava, em companhia de seu marido Henri Codreau, a serviço do governo do Pará, fazendo o levantamento de alguns rios da região, portanto o tempo todo convivendo e falando com pessoas que só entendiam e falavam o português. Se ainda não tinha o domínio da língua, deveria no mínimo entendê-la o bastante para compreender o discurso de Alexandre, do qual sem dúvida não gostara, daí o seu mutismo.

Enraivecida? Não, mas por certo indignada com a atitude desses que "desceram ao mais baixo nível social", por quem estava sendo acusada de não conhecer cachoeiras, já havendo subido o Trombetas no ano anterior; de escrever a partir do que outros lhe contavam, aqueles que realmente conheciam, daí Alexandre se oferecer para ajudá-la a escrever o livro, devendo no entanto ser pago, e antecipadamente, diante da fama de mau pagadora que possuía. Como se não bastasse Alexandre não perdeu a oportunidade de expressar seus conhecimentos e se autovalorizar, enquanto "mestre das matas", julgando-se mais capaz que os engenheiros e a bússola da madame que não a levaria a lugar nenhum. Por fim, o ensinamento sobre a região, ao perceber o tipo de embarcação utilizada, adequada para o Amazonas mas não para o Curuá, principalmente em tempo de verão, e muito menos para atravessar cachoeiras. Para quem chegou querendo dar lição, não deve ter sido uma boa aula, o momento recomendava mutismo.

Codreau ainda conheceu outras reações à altura de sua arrogância. Ao criticar a forma como as casas eram construídas, sem alinhamento, muito próximas uma das outras, recebeu uma resposta, que por certo não esperava. ***"A terra é nossa e nós somos livres***

²⁴ - Idem, p. 22-23.

para fazer tudo aquilo que queremos, nós não aceitamos quem quer que seja venha nos fazer a lei." Enfrentar Alexandre era candidatar-se à expulsão.²⁵

No Pacoval, Codreau hospedara-se na casa de Chico Cardoso, um branco tímido, "com educação e cultura negra", ao qual, com palavras "dóceis", procurou falar sobre a dignidade, fazendo-o ver a que ponto chegara, "caindo sob a dominação de seres tão grosseiros e ignorantes quanto esses mocambeiros. [...] Então se opera uma transformação completa e eu não me encontro mais diante de um Chico humilde, submisso e trêmulo, mas sim diante de um Chico arrogante. Ele é bem digno da companhia do antropóide Alexandre, os dois fazem par"²⁶.

Diante de uma recepção pouco cordial, só restava a madame Codreau despedir-se de seus *"tristes hospedeiros [...] bem contente de pensar que talvez eu não verei mais seres tão prejudiciais quanto os mocambeiros. Mas preciso de 3 ou 4 trabalhadores a mais, eu sinto que os meus sozinhos não poderão resistir ao trabalho que eles terão que produzir. É portanto necessário que os pegue aqui"*²⁷.

No dia seguinte, valendo-se do fato de Cardoso aparecer arrependido de sua reação, dizendo se sentir inferior aos mocambeiros, mostrando fragilidade, Coudreau aproveitou-se para realizar seu intento não conseguido com palavras dóceis. Decidiu, *"empregar o grande meio, o único verdadeiramente eficaz com pessoas incapazes de raciocinar: o medo. É preciso lhes mostrar que eu sou mais forte, e querendo atrasar minha viagem eles só ganham tapas e machucados. Uma pequena cena de violência que nós podemos qualificar de brutal, se produz então dá o resultado que eu esperava. Eu consigo aquilo que desejo. Só o medo do castigo os faz cumprir a promessa"*.

Aí está um ponto nodal para se entender o relacionamento entre aquelas comunidades negras e os Coudreau, que por certo esperavam chegar ali, dizerem-se enviados do governo e receberem de pronto tudo o que necessitassem, inclusive homens para o trabalho. Mediante a recusa dos mocambeiros em se engajarem na expedição, acusaram-nos de preguiçosos, traiçoeiros, falsos. Comportamentos, segundo esses viajantes, típicos das comunidades quilombolas, reforçando assim a superioridade da raça branca, colocando em xeque a eficácia das "doutrinas unitárias evidentemente muito bonitas, mas

²⁵ - Idem, p. 19.

²⁶ - Idem, p. 25.

²⁷ - Ibid

aqueles que as preconizam deveriam vir fazer as experiências aqui e compreenderiam rápido que tudo se opõem atualmente à assimilação: a hostilidade dos habitantes, a irredutibilidade da raça, o atavismo, o meio. Isto não significa que eu desejo o aniquilamento da raça negra, eu queria simplesmente que a gente os deixem, aquilo que eles são. Eles não são da raça branca à qual eles não entendem nada, nem os deveres, nem os direitos e a qual eles não querem nem saber"²⁸.

Codreau, ao que parece, jogava com descontentamentos internos, reais ou não, nas comunidades, aproveitando-se dessas situações para conseguir seus intentos, fazendo duras leituras daqueles que representavam o poder local, que, por certo, também não a viram com bons olhos. É o caso de Guilherme e Figena no Cuminá e Alexandre no Pacoval.

Alexandre, "governador do Pacoval", conduzidos por ele, segundo O. Codreau, "*os mocambeiros, que se acreditavam bem superiores ao resto dos moradores do rio, podiam cometer ações deploráveis. Agora eles são obrigados a obedecer a Alexandre; o grau de obediência deles é muito relativo e em proporção à sua moralidade, mas enfim, eles são ao menos dominados pelo medo, isso os torna um pouco dóceis*".²⁹

A narrativa sobre Alexandre, não de seu físico, de seu comportamento, mas de seu poder de "governador", da liderança que tinha junto à comunidade, deixa entrever dois aspectos bastante pertinentes no tocante à questão do poder no Pacoval.

Analisando as narrativas dos depoentes, e as estruturas sociais no Pacoval dos primeiros tempos, percebe-se uma grande deferência para com os velhos, os ancestrais, aqueles cujas ordens eram recebidas como se emanadas de um pai. Na memória social, as figuras detentoras do poder são os idosos, o avô, o bisavô, o homem de respeito. Um culto à ancestralidade. Respeito que hoje os "***mais jovens estão perdendo***", lamentam D. Dica e o Sr. Santa Rita.

Nos primeiros tempos, o poder ficava diluído nas relações sociais internas da comunidade. A representação da autoridade estava nos Reis de Congo, nos consertadores de osso, nas parteiras e nos curadores, em especial, do "contraveneno". Na experiência e no saber estava uma fonte do poder. A coerção existia, mas era culturalmente aceita.

A nomeação, "recente", de Alexandre como "governador", aponta para uma nova configuração do poder no Pacoval, em que as lideranças foram alçadas ao *status* de chefe,

²⁸ - Idem, p. 25-26

legitimadas pelo poder público, implicando uma hierarquização e todo o desdobramento político-social daí decorrente. Passou a ter nessa nova configuração o peso do poder político, não que o político estivesse ausente anteriormente, mas nesse momento ele implicava a vinculação e a relação dessa liderança com a política e o poder local, num jogo de interesses mútuos e alianças.

A figura do "governador", termo provavelmente não empregado por Alexandre, como atribuiu-lhe Codreau - aliás foi a única a fazer tal referência - deixou de existir e o poder público se fez ali representar pelo "agente de segurança" ou "comissário de polícia", a quem ficou atribuído a manutenção da ordem, a solução de desavenças, a prisão de infratores da lei e da moral, como aconteceu com Manoel Bicho de Moraes, preso em maio de 1907 por ter raptado a menor Raymunda Maria de Jesus, com a qual veio a se casar, livrando-se assim de ser detido na cadeia.³⁰

Durante a sua permanência no Pacoval, Codreau teve a oportunidade de assistir a uma **feira de ramada**. Momentos de conagração perpassado pelo culto e devoção aos santos cuja veneração era expressada no costume de certos moradores assumirem a condição de guardiães do santo.

Próximo à igreja ficava a ramada, "uma grande palhoça, aberta por todos os lados com o piso em chão batido, totalmente plano. É a sala de dança indispensável a uma comunidade negra. Pode-se passar sem comer, sem vestir, mas seria impossível viver sem uma ramada, utilizada mais freqüentemente do que a gente imagina. Cada negro dança e faz dançar para a festa do santo, que é seu patrono, cada negro da mesma forma não deixa de dançar de exortação em honra de sua santa, seja nas grandes festas, nas pequenas festas, mesmo quando não há festa eles as inventam. Antes de dançar, vão à igreja, para rezar. Mas é preciso ver de que maneira é, parecem mais lançar maldições contra Deus. Terminada a reza, ou se preferir a admoestação a Deus, a gente se reúne sob a ramada. A gente começa bebendo tarubá, depois em pares eles se põem a dançar, enquanto a gente toca o 'tantã', enquanto outros cantam e batem as mãos em cadência"³¹.

Têm razão Codreau ao ressaltar a importância das festas de ramada entre as comunidades negras, festas em que as famílias rendiam homenagens a seus santos de

²⁹ - Idem, p. 21

³⁰ - Cartório da Vila Curuá. Livro de Registro de Casamentos, 1907

³¹ - Codreau, **Voyage au Curuá**. p. 20. Tarubá- bebida alcoólica extraída da macaxeira.

devoção, era a personificação desse e de quem promovia a ramada, o protetor do santo. As principais festas de ramadas no Pacoval eram: **Sant'Ana**, que começou com Maria Miquelina, avó de D. Dica, que nos últimos tempos a realizava; **São Silvestre**, promovida por Silvéria, filha de Afonso do Nascimento, hoje não se realiza mais; **São Sebastião**, cuja protetora era Maria Euzébia de Assis, filha de Antônio Francisco de Assis, que morreu por volta de 1952, com mais ou menos 80 anos (essa festa deixou de ser realizada); **Santa Luzia**, a única ramada ainda existente no Pacoval, organizada por D. Tapuia.

Há também aquelas festas de ramadas organizadas pela comunidade em homenagem aos santos de todos, **Santo Antônio e São Benedito**.

Observando tais festas, percebe-se a constituição de um calendário com ciclos distintos: o natalino, começando em 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, e terminando em 20 de janeiro, dia de São Sebastião; e o junino, iniciando-se em 13 de junho, dia de Santo Antônio, e terminando em 26 de julho, com a festa de Sant'Ana.

Codreau, ao presenciar as festas realizadas no Pacoval indagava-se: *"O que é esta tradição da ramada e de onde ela lhes veio? Ela é uma prática comum, a todas as comunidades negras eu visitei. Ela provém certamente das velhas tradições que seus ancestrais praticavam na África, as quais eles fizeram passar o oceano ao mesmo tempo que eles. Tornando-se católicos eles ajuntaram a prática do novo culto, dando assim a suas preces este aspecto completamente religioso e profano, o que nos surpreendeu à primeira vista"*³².

As festas enquanto manifestação de fé, e de lazer, eram constantes no Pacoval. *"A vida deles era muito da excelente, comer, beber e brincar, de forma que o lugar aqui era determinado em brincadeiras, que muitos lá de Alenquer, de outros cantos, diziam: lá no Pacoval eles querem sabê de uma casa varrida, pra não subi poeira"*³³.

Segundo os mais velhos, no Pacoval, as festas duravam muitos dias. *"Aqui tinha até banda de música, eram filhos daqui, eles aprenderam aqui mesmo, era Mané Lima, João Bicho, Raimundo de Assis, Mané Melo, tocavam flauta, tinha banjo, caixa, pandeiro, cavaquinho, bumbo e rabeca, eles mesmo faziam seus instrumentos."* Também conheciam e fabricavam a marimba, o gambá e o onça.³⁴

³² - Ibid.

³³ - José Santa Rita, entrevista de fevereiro de 1992.

³⁴ - Dica, entrevista de julho de 1993.

Uma das manifestações culturais mais significativas do Pacoval é o "*cordão do marambiré*". Realizado em homenagem a São Bendito, começa em 25 de dezembro, terminando em 20 de janeiro, dia de São Sebastião, sendo 6 de janeiro, consagrado pela igreja católica aos Reis Magos, data principal da festa em homenagem ao santo do dia, pelo menos ali no Pacoval: São Benedito, o santo negro. É a festa da corte dos Reis de Congo. Marca significativa da africanidade, que mesmo com o seu olhar de estranhamento Otille Codreau chegou a ver.

Neste sentido é que atravessamos as leituras feitas pelos viajantes e entendemos as razões de seus olhares. Mas pode-se ler perfeitamente, também, através de suas narrativas os olhares dos nativos, as suas reações diante do outro, o de fora. Entender que o que parece estranho para o europeu civilizado, é na realidade um conjunto de práticas culturais; diferentes suportes de memória e de história que constituem a identidade destas comunidades afro-amazônidas.